

## ***Nas terras dos outros: deslocamentos laborais, espaços de vida e projetos de autonomia entre camponeses migrantes***<sup>1</sup>

Rosemeire Salata- PPGCS – UNESP – Araraquara/SP

**Resumo:** Considerando as atuais reconfigurações laborais nos canaviais paulistas e suas implicações para a dinâmica dos deslocamentos para o trabalho agrícola nesta atividade, o presente artigo objetiva apresentar os sentidos das práticas migratórias direcionadas para este trabalho na última década, relacionando tal configuração às redefinições dos espaços de vida para os seus agentes. Apresento os deslocamentos laborais oriundos de estados da região Nordeste brasileira para o trabalho agrícola nos canaviais de São Paulo como um processo social historicamente consolidado, apontando para mudanças significativas em função da nova dinâmica produtiva que reestruturou este trabalho. A pesquisa é realizada em um bairro específico do pequeno município de Santa Lúcia/SP, inserido na economia canavieira regional, onde é notável a presença de um campesinato móvel parceiro, oriundo majoritariamente da localidade de Gonçalves Dias, no estado maranhense. Discuto, neste contexto, a valoração positiva atribuída ao trabalho em “São Paulo”, em oposição ao trabalho nos locais de partida – correntemente classificado como trabalho nas *terras dos outros* – e sua relação com projetos e valores de autonomia destes agentes. Dadas as atuais condições de trabalho nos canaviais, que redefinem os padrões de migração circular e/ou temporária, o que se realiza a partir destas práticas migratórias não é mais a reprodução de uma estratégia de vida camponesa, reforçando os grupos domésticos de origem, mas sim a constituição e a sustentação de novos núcleos familiares. A construção de casas de moradia no município de Santa Lúcia/SP conduz à reflexão acerca de uma (re)definição dos espaços de vida deste grupo, fenômeno inerente às mobilidades. Partindo dos símbolos e valores correntes entre os migrantes, e considerando a diversidade de relações e vínculos com a terra nos locais de partida, discuto estes espaços não apenas em sua dimensão geográfica, mas atentando para elementos que conformam sentimentos de pertencimento, redes de relações (presenciais ou não) e percepções sobre apropriação espacial deste grupo no pequeno município paulista.

**Palavras-chave:** mobilidades; espaços de vida, camponeses migrantes.

### **Introdução**

São correntes na literatura sociológica e antropológica acerca das áreas rurais do Nordeste brasileiro análises que enfatizam a importância dos processos migratórios para a reprodução social de grupos camponeses, seja propriamente através da compra de terra e da conquista da condição camponesa (GARCIA JÚNIOR, 1989), seja enquanto forma de manutenção ou melhoria das condições que possibilitam viver na e da terra na condição de pequenos proprietários ou rendeiros (MENEZES, 2002). As práticas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

migratórias<sup>2</sup> constituem uma experiência histórica para o campesinato nordestino, como bem apontou Menezes (2009).

Tendo em conta tanto a heterogeneidade dos grupos que são compreendidos como parte do que se convencionou chamar de campesinato no Brasil, quanto a noção de que um fluxo migratório possui características universais semelhantes a outros fluxos, mas que desenvolve histórica e socialmente suas singularidades, discuto neste trabalho como as práticas migratórias podem se apresentar relacionadas à busca de autonomia familiar por parte dos trabalhadores que as empreendem. A discussão é realizada principalmente seguindo a compreensão da categoria nativa *nas terras dos outros*<sup>3</sup>, forma usual e abrangente que é constantemente mobilizada para classificar o trabalho no regime de parceria nos locais de partida.

Tratamos aqui de um “campesinato móvel” que tem na parceria e suas derivações a forma de acessar a terra nas áreas rurais e povoados da localidade de Gonçalves Dias, no estado maranhense. Fundamento-me em pesquisa realizada com informantes residentes em Santa Lúcia, pequeno município paulista inserido na economia canavieira regional, em um bairro específico cujo nome é Nova Santa Lúcia, e que tem como principal característica ser formado principalmente por moradores mais novos na cidade, oriundos de outras localidades<sup>4</sup>.

O contexto socioeconômico regional remete-nos às reconfigurações pelas quais tem passado o labor nos canaviais paulistas especialmente na última década, e que têm efeitos sobre a chamada migração “permanentemente temporária” (SILVA, 2005) de trabalhadores, reorientando a dinâmica dos deslocamentos laborais e seus sentidos. Referenciando-me na ampla temática sobre mobilidades e trabalho, e tendo como pano de fundo os diversos significados assumidos historicamente pelas práticas migratórias, o objetivo deste trabalho é apresentar tais práticas, partindo da valoração positiva que é atribuída ao trabalho em *São Paulo*. A oposição entre o trabalho assalariado nos canaviais e o trabalho no regime de parceria nos locais de partida encerra significados que se relacionam à construção de autonomia individual e, sobretudo familiar, materializada na construção de casas de moradia na referida localidade paulista, e que

---

<sup>2</sup> Utilizo aqui a noção de práticas migratórias pensando em sua inter-relação a um *habitus* de mobilidade, tal qual apontado por Paoliello (1999). Tanto a noção de práticas quanto o conceito de *habitus* estão referenciados em Bourdieu (2013).

<sup>3</sup> As expressões e categorias nativas serão apresentadas neste artigo em itálico.

<sup>4</sup> Este artigo é parte da tese de doutorado da autora, que se encontra em desenvolvimento.

colocam em questão atualizações na relação entre deslocamentos, reprodução camponesa e espaços de vida destes grupos.

### **Vir para São Paulo: trajetos migratórios e novos núcleos familiares**

[Zé Carlos] *Sabe, é aquele negócio, vai pra São Paulo!* [risos]  
[Wagno] *“Vai pra onde, meu filho?” “Tô indo pra São Paulo, mãinha!”* [risos]  
[Zé Carlos] *Aquela ansiedade!* [risos]  
[Wagno] *Lá se ouve muito dizer, fulana, menina, “seu filho tá pra onde?” “Meu filho tá pra São Paulo!”* [risos].

De Coelho Neto, no Maranhão, Zé Carlos saiu pela primeira vez com apenas 16 anos de idade, acompanhado de alguns colegas que já haviam saído antes dele. Passou seis meses na cidade de Altamira, no Pará, onde trabalhou no corte de cana de açúcar. Depois foi para o Mato Grosso, voltou ao Maranhão, dessa vez para a cidade de Presidente Dutra e em Gonçalves Dias, no mesmo estado, casou-se e foi com a esposa morar nas terras que pertenciam ao sogro. Conta que saiu tão cedo da cidade natal porque não queria trilhar o mesmo caminho dos pais e trabalhar *nas terras dos outros*. Disse que “morar no emprego não é bom, a gente trabalha muito, de segunda a segunda” referindo-se às relações de moradia na produção de cana de açúcar no nordeste brasileiro. Aqui, por São Paulo, ele já rodou<sup>5</sup> bastante também. Passou pelas usinas Tamoio, Zanin, Santa Fé, todas localizadas na região central do estado, e finalmente chegou à Santa Cruz, onde trabalhou como cortador manual de cana de açúcar como *definitivo*<sup>6</sup> nos últimos sete anos. Em meados do ano de 2015, devido ao encerramento das turmas de trabalho manual do corte da cana, foi remanejado para outra área, trabalhando desde então no chamado rastelo.

Reside com sua família, composta por esposa e mais seis filhos, em um imóvel alugado no bairro central do município de Santa Lúcia há quatorze anos. Foi candidato a vereador na cidade nas últimas eleições, pois achava justo que houvesse em Santa Lúcia algum “representante dos maranhenses”. O projeto de construção de moradias populares de um dos candidatos a prefeito lhe pareceu positivo, o que o fez apoiar o candidato.

Wagno, cuja família era proprietária de terras, iniciou sua trajetória de migrações no ano de 2001, trabalhando no corte manual de cana. Hoje trabalha na mesma usina, na

---

<sup>5</sup> Expressão muito comum utilizada para indicar que já se passou por vários locais.

<sup>6</sup> *Trabalhar definitivo* é a expressão usada pelos trabalhadores para se referirem à mudança na forma de contratação pela empresa: de trabalhadores temporários ou safristas para trabalhadores por tempo indeterminado.

área de topografia. Tem 33 anos de idade e iniciou suas saídas de Gonçalves Dias no ano de 2001. Veio a Santa Lúcia fazer uma safra e regressou ao Maranhão. Até o ano de 2005, permaneceu fazendo estas idas e vindas entre as cidades. Em 2006, empregou-se na usina Santa Cruz com contrato de trabalho por tempo indeterminado. Luziane, sua esposa, acompanhou Wagno conforme as safras que o companheiro fazia. No Maranhão, Wagno comprou uma casa com os rendimentos adquiridos por aqui. Quando de sua contratação por tempo indeterminado na usina, se desfez da casa comprada no Maranhão para poder investir na compra de um terreno e na construção de sua nova moradia no bairro Nova Santa Lúcia, onde hoje reside com a esposa e três filhas. Antes de sair de lá, morava com a mãe e uma tia materna em Gonçalves Dias e trabalhava nas terras da família, que a avó havia deixado como herança. Os setenta e cinco hectares eram utilizados tanto para plantações como eram também *alugados* para outras pessoas. Após sua primeira saída para o trabalho em São Paulo, a terra foi vendida pelas tias sem comunicação prévia, o que hoje faz Wagno rejeitar a ideia de um retorno ao local de partida, tendo em vista que teria de trabalhar *nas terras dos outros*, arcando com os pagamentos da renda da terra.

Os trajetos migratórios de José Carlos e Wagno inserem-se no longo histórico de deslocamentos das áreas rurais nordestinas para pontos distantes. Condicionadas pelas dificuldades econômicas que parceiros e pequenos proprietários de terras enfrentam em suas localidades, configuram-se também, conforme será discutido, como expressões da tentativa de afastamento de determinados padrões de utilização da força de trabalho e de esquemas de dominação, condensadas em torno da categoria *nas terras dos outros*.

A ansiedade da qual fala Zé Carlos em seu diálogo com Wagno oferece-nos a dimensão de como *São Paulo* está presente no imaginário social destes grupos como local de progresso, de evolução, de uma possível melhoria em suas condições de vida. São traços de uma cultura migratória semelhantes aos que conformaram os deslocamentos de nordestinos para a capital paulista desde idos dos anos 1950. A vinda para *São Paulo* congrega, assim, uma diversidade de projetos e expectativas de obtenção de uma condição de vida melhor, sendo percebida como alternativa para contornar a escassez dos rendimentos obtidos.

Com maior intensidade especialmente a partir da década de 1980, os municípios localizados nas porções nordeste e central do estado de São Paulo passaram a receber um grande contingente de trabalhadores. Este conhecido processo tem raízes históricas

na consolidação de um mercado de trabalho rural, que tem no agronegócio canavieiro paulista uma de suas expressões mais sólidas.

Vivendo em alojamentos ou em pequenas casas alugadas nos bairros periféricos das cidades paulistas, estes trabalhadores tinham seus movimentos migratórios regulados pelo tempo da colheita da cana de açúcar, compondo na contagem dos trabalhadores a quantidade de safras que já realizaram. Conforme se comenta na cidade, apesar da presença de trabalhadores de outros estados, Santa Lúcia nem se compara ao que era há alguns anos atrás. Hoje, na época das festas de fim de ano, é difícil lotar um ônibus que parta para os Estados da região Nordeste. Há alguns anos atrás, eram muitos ônibus chegando e partindo, muita gente na rua, carros de som contratados pelas usinas anunciando vagas de emprego.

As reconfigurações laborais pelas quais passou o trabalho nos canaviais desde o início dos anos 2000 ensejaram mudanças significativas no que toca aos deslocamentos. A redução do número de trabalhadores contratados ocorreu em função da introdução de tecnologias que poupam mão de obra – especialmente aquela empregada na colheita manual da cana – processo agora amplamente realizado por colheitadeiras. As trocas e remanejamentos de funções são uma constante no cotidiano de trabalho, e as mudanças nas formas de contratação também condicionam a um tempo de permanência maior nos municípios paulistas que aquele costumeiro dos “meses da safra”.

As expectativas de “melhorar de vida” (DURHAM, 2011) continuam orientando os deslocamentos e nesse contexto específico é predominante a presença de migrantes não proprietários de terra, ainda que em menor número também se verifique a vinda de trabalhadores cujos grupos domésticos de origem possuem ou possuíam terra em suas localidades. Se as *saídas* para o trabalho em São Paulo são expressões das formas como são pensadas as estratégias de reprodução da família na terra, estas também têm implicações sobre esta dinâmica. Por um lado, a posse ou propriedade da terra pode indicar uma referência de fixação, por outro, ter direitos na terra depende de investimentos que são feitos na manutenção das relações com os parentes. Os deslocamentos aparecem então tanto impulsionados quanto reorganizadores dos arranjos locais de parentesco.

[Wagno] Minhas tia, tudinho venderam, não tem mais nada. Aí, eu fiquei, tipo assim, como eu sou registrado como filho da véia mesmo, da minha vó, eu tinha direito, eles venderam quando eu vim pra cá em 2001. Quando eu cheguei lá eles tinham vendido e não me deram nada. Então eu fui com o dinheiro, aliás quando eu fui pra lá eu fui com o dinheiro, eu fui com a intenção de comprar a terra, de comprar

a parte dos outros, mas aí não deu certo, quando eu cheguei lá já tinham vendido, aí eu comprei a casa. Então quando eu vim pra cá eu não vim com a intenção, só que eu soube que eles iam vender. Eles iam vender, mas eu não sabia, aí depois falaram que iam vender. Aí eu pensei quando eu chegar lá eu compro a parte das outras tudo. Aí eu trabalhei, não saí, economizei bastante pra chegar lá com dinheiro suficiente. E eu cheguei com dinheiro que dava pra comprar, mas quando cheguei lá já tinham vendido.

[Edson] trabalhava mais meu pai, porque meu vô tem muita terra, mas ele já tá véinho, aí um dia ele pode morrer, aí vende tudo e eu fico desempregado de novo [risos] As terra dele fica longe da cidade, longe mesmo. Aí tinha que ter ou um jumento ou uma bicicleta pra você ir montado, passava, mais ou menos, umas quatro horas pra chegar. Aí trabalhei no interior que era onde o marido da minha sogra hoje trabalha, aí era mais perto, ficou mais perto um pouco, mas era longe também. Eu não sei, rapaz. Essas coisas da gente, de herança, eu não sei. Meu pai é daqueles mais grossão, aí não sei. Sei que as terras dele é muita, é muita terra mesmo, mas já tá véinho, aí um dia ele pode falecer e fica difícil do mesmo jeito pra mim. Então acho que pra mim é melhor ficar pra cá, né? Por que aqui eu pego carro na porta, tem transporte na porta.

Verifica-se assim que, se os deslocamentos podem estar associados à possibilidade de reprodução de uma condição camponesa, eles são mais que apenas um deslocamento no espaço realizado dentro de uma ordem moral rígida. São também deslocamentos no universo social, já que são aspectos importantes na atualização desta ordem, uma vez que inserem seus agentes em outras relações sociais que podem redirecionar expectativas e projetos.

Os deslocamentos têm ainda papéis bastante abrangentes e multifacetados que incluem, no plano das condições “externas e materiais”, dificuldades de reprodução social e busca por recursos monetários fora dos locais de origem. Abarcam ainda outros elementos que cumprem significados dentro de uma ordem simbólica, especialmente aqueles relacionados à possibilidade de obter recursos para sustentar uma nova casa, ou seja, um novo núcleo familiar. Assim, mesmo em contextos em que os grupos domésticos são pequenos proprietários de terra, os deslocamentos assumem papel essencial na construção do acesso ao mercado de trabalho e aos rendimentos provenientes do trabalho assalariado, que são valorizados enquanto forma de conquista de estabilidade.

[Wagno] Ah, tipo assim, pra você fazer uma casa boa, pra você comprar um carro, cê vai comprar um móvel à prestação cê não tem com que fazer uma prestação porque não tem de onde cê tirar. Se você trabalhar, vamos supor, duas semana, três semana boa, mas na outra

semana cê já não tem... Eu tenho um serviço fixo aqui. Aqui você, tipo assim, eu chego o final do mês eu sei da onde eu vou tirar, lá eu chego o final do mês eu não sei da onde eu vou tirar...

A aquisição da casa própria aparece como elemento de destaque na conformação destes projetos migratórios, já que casar-se, construir uma casa ou melhorar a já existente, acessar bens de consumo destinados ao conforto e melhoria do ambiente doméstico, além do cuidado com os filhos, assume centralidade em seus projetos de vida. Por conseguinte, compreende-se a valorização do emprego e rendimentos estáveis obtidos com o trabalho assalariado na região por parte destes agentes, já que lhes possibilitam em alguma medida a concretização de tais projetos. A construção de casas de moradia é fenômeno comum a outras experiências migratórias e já identificado também por outros pesquisadores (DURHAM, 1979; MACHADO, 2009; LOBO, 2006; NOGUEIRA, 2010). Mais que um projeto individual, portanto, o fato coloca em questão a centralidade da família conjugal e associa estes deslocamentos a autonomia em relação aos grupos domésticos de origem. Em termos muito próximos dos propostos por Lanna (1995), verifica-se a diferenciação dentro das famílias extensas, já que ao agir como bom provedor para sua família nuclear alcança-se a autonomia através da diferenciação dos irmãos, por exemplo, sendo melhor marido, provendo melhor os filhos e a esposa.

### **O Pé Vermelho<sup>7</sup>: o Maranhão em Santa Lúcia.**

É comum em municípios que recebem consideráveis afluxos migratórios a formação de bairros que concentram a população que vem “de fora”. Outras cidades do interior paulista apresentam esta mesma configuração espacial, como é o caso do Bairro Alto na cidade de Guariba, o Cruzado, na cidade de Ibaté, ou mesmo o conhecido bairro de São Miguel Paulista, na capital São Paulo<sup>8</sup>. Nos casos apontados, assim como o Nova Santa Lúcia, a conformação destes bairros periféricos não é apenas reflexo das relações de poder que permeiam o espaço, sinônimos de uma inserção precária ou marginal desta população, mas reflete as próprias redes de relações sociais em que estão

---

<sup>7</sup> *Pé Vermelho* é a maneira pela qual os moradores do município referem-se ao bairro Nova Santa Lúcia. Para aqueles que têm origens rurais, a denominação é imediatamente compreensível e refere-se à situação dos pés dos moradores dos bairros em dias de chuva, visto que suas ruas não possuíam pavimentação.

<sup>8</sup> Estive pela primeira vez no Bairro Alto no ano de 2011, momento em que visitei a Pastoral do Migrante, localizada na cidade de Guariba. Para a identificação deste bairro enquanto local de concentração da população migrante, consultar o trabalho de Vettorassi (2006); sobre o bairro Cruzado em Ibaté/SP, ver Mello (2008) e sobre São Miguel Paulista, consultar o importante estudo de Fontes (2004).

envolvidos os agentes para realização de seus deslocamentos<sup>9</sup>. Trata-se assim, de um processo de apropriação deste espaço, um processo simbólico, que o carrega com as marcas do vivido<sup>10</sup>. Trata-se de construir sobre ele um território, aqui entendido não apenas como um espaço onde se trabalha, mas como espaço onde se vive e se tecem relações.

Tal apropriação, por certo, não se faz passando ao largo de relações de poder que permeiam o espaço, tampouco, quando se trata de uma construção feita a partir de trajetórias e experiências de mobilidade espacial, distante de redes de relações que são tecidas antes, durante e após os processos migratórios. Importa, assim, apresentar as relações que levaram ao estabelecimento dos trabalhadores neste bairro específico. Como indiquei, são trabalhadores que “perderam” a condição de permanentemente temporários em função das mudanças nas formas de contratação e encontraram na cidade e neste bairro em específico fabricar novos territórios de vida.

O bairro Nova Santa Lúcia localiza-se entre a linha férrea que corta o município e a rodovia Aldo Lupo (SP 255), que dá acesso às cidades vizinhas, como Araraquara, Rincão e Ribeirão Preto. O pequeno município de Santa Lúcia tem 8415 habitantes<sup>11</sup>. Criado em 1910, o distrito de Santa Lúcia obteve em 1959 sua emancipação política em relação ao município de Araraquara e está localizado na região central do Estado de São Paulo. Esta região teve um afluxo crescente de expressivos contingentes migratórios a partir da década de 1970, em função do processo de interiorização da indústria paulista através do direcionamento de fortes incentivos governamentais para a implantação de complexos agroindustriais no interior (BAENINGER, 1995). A partir da imagem a seguir, pode se observar que o pequeno município localiza-se em meio a vastas extensões de terra que estão cobertas por canaviais.

**Figura 1** – Santa Lúcia e a localização do bairro Nova Santa Lúcia (em destaque)

---

<sup>9</sup> Conferir o clássico estudo de Durham (1979).

<sup>10</sup> Haesbaert (2007) amparando-se em Lefebvre (1986) distingue apropriação de dominação do espaço. Apropriação, no sentido que lhe conferem os autores, distingue-se de propriedade e está relacionada ao tempo dos usuários, sempre diverso e complexo. Dominação relaciona-se à lógica hegemônica do poder, que produz política e economicamente espaços/territórios e os tornam uni-funcionais.

<sup>11</sup> Dados do IBGE (2014).





Fonte: Disponível em [www.earth.google.com](http://www.earth.google.com)

De acordo com dados do SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados, o IPRS – Índice Paulista de Responsabilidade Social, relativo à riqueza e escolaridade, o município situava-se no grupo 4 no ano de 2012, o que caracteriza níveis de riqueza e escolaridade baixos. O setor de serviços é o maior responsável pelo número de empregos formais gerados (59,23%); em seguida, o comércio (15,38%), a agropecuária (14,31%) e por último a indústria, gerando apenas 6,31% dos empregos formais<sup>12</sup>.

Santa Lúcia tem características como as de uma periferia da cidade de Araraquara, para onde partem muitos ônibus todos os dias. Os deslocamentos entre os locais se dão principalmente pela falta de muitos serviços em Santa Lúcia, como educação, saúde, comércio e diversão para os mais jovens. O comércio local atende apenas às necessidades básicas de alimentação e vestuário e normalmente são de propriedade de famílias mais abastadas do local. São inúmeros os pequenos estabelecimentos que comercializam variedades, geralmente produtos de baixo valor, destinados ao ambiente doméstico ou artigos de papelaria. Não há grandes redes de supermercado e drogarias, o cartão de crédito/débito não é utilizado em todos os estabelecimentos e a rede bancária conta com poucas agências. Não há hospital local, somente quatro postos de saúde. Só existe uma escola de ensino médio e não há oferta de cursos profissionalizantes, muito procurados pelos mais jovens.

Tais aspectos caracterizam uma urbanização deficitária no município e conformam um cenário de precariedade de alguns serviços para a população. Apesar destas características, no que toca aos serviços de infraestrutura urbana do município, a

---

<sup>12</sup> Dados SEADE disponíveis em [www.imp.seade.gov.br](http://www.imp.seade.gov.br). Acesso em 12/11/2015.

coleta de lixo cobre 100% dos domicílios e os serviços de água e esgoto sanitário 99,96%. Além disso, o grau de urbanização em 2014 atingiu a marca de 94,95%<sup>13</sup>.

A cidade vizinha de Araraquara é referência de emprego para muitos dos moradores de Santa Lúcia. Muitas mulheres deslocam-se diariamente em ônibus suburbanos para trabalhar como empregadas domésticas; as mais jovens empregam-se normalmente no comércio da cidade vizinha, como vendedoras ou como atendentes em padarias ou pequenas lanchonetes. As festividades locais são poucas e a mais importante delas é a feira agropecuária anual, onde há exposição de animais e alguns shows musicais, normalmente de duplas sertanejas regionais. Não há livrarias, bancas de revistas, cinemas ou outras atividades culturais disponíveis. Tais aspectos parecem impor alguns limites para que a vida no município possa ser entendida como uma verdadeira experiência urbana. A trama espacial e social<sup>14</sup> deste pequeno município faz entrecruzarem-se dimensões que são características tanto dos espaços rurais quanto urbanos.

No que toca especificamente ao Nova Santa Lúcia, o bairro é localmente identificado como o lugar dos maranhenses, e é comum entre os trabalhadores migrantes considerar que ali se está em casa. Ao circular pelas ruas do bairro e conversar com as pessoas no local, foi recorrente ouvir que existem mais maranhenses no Pé Vermelho que no próprio Maranhão. Aos domingos e feriados este bairro tem suas ruas bastante movimentadas por pessoas que circulam a pé, em bicicletas ou carros, o que contrasta com a calma do restante da cidade. Pode-se observar que o bairro possui certa autonomia em relação ao restante da cidade, uma vez que o comércio e os serviços no local são razoavelmente bem desenvolvidos<sup>15</sup>.

Nas calçadas das casas é comum aglutinarem-se vizinhos que compartilham de cervejas; os carros permanecem estacionados reproduzindo em som alto o forró eletrônico. As mulheres se encontram com vizinhas ou sentam-se também à porta das

---

<sup>13</sup> O grau de urbanização refere-se ao percentual da população urbana em relação à população total. É calculado, geralmente, a partir de dados censitários.

<sup>14</sup> A categoria trama espacial e social é utilizada por Wanderley (2004) em sua análise sobre os pequenos municípios pernambucanos. A autora inspirou-se na categoria trama espacial de Bruno Jean (1997) quando este analisou as pequenas cidades canadenses, nas quais ele identifica uma trama espacial rural, uma vez que estes pequenos aglomerados estão, em seu país, inseridos em um contexto marcadamente rural. A autora explica que acrescentou a dimensão social para reforçar o que já parecia inscrito na configuração espacial da sociedade local.

<sup>15</sup> Existem no local: oficinas mecânicas, lojas de materiais de construção, serviços de marcenaria e serralheria, pequenos mercados, mercearias que comercializam inúmeros produtos para a casa e alimentação, lojas de artigos para festas, distribuidora de bebidas, lojas de roupas e salões de beleza. O bairro possui também um posto de saúde, um escola de ensino fundamental e várias igrejas neopentecostais.

casas, onde muitas crianças brincam, utilizando a rua para jogos de futebol. Chama atenção a quantidade de pequenos bares e mercearias, que permanecem abertos o dia todo. Certa vez ouvi de um morador que “o verdadeiro centro da cidade é o *Pé Vermelho*”.

É nesse bairro que, em sua maioria, nossos entrevistados constroem suas casas. Ainda que alguns poucos trabalhadores residam no bairro através do aluguel de imóveis, todos os entrevistados que viviam fora dali, principalmente no bairro central da cidade, não possuíam casa própria, mas sim alugada ou de propriedade dos parentes do novo cônjuge, quando ocorreu de se casarem com pessoas da cidade<sup>16</sup>.

O primeiro elemento a ser considerado para que o bairro seja escolhido para a construção de moradias é o custo baixo dos terrenos há alguns anos atrás, principalmente no início dos anos 2000, realidade que vem se transformando nos últimos anos. A segunda motivação são as redes de relações tecidas durante o processo migratório, já que a maioria dos trabalhadores apontou que, quando da chegada à cidade pela primeira vez, residiam em pequenas casas alugadas no bairro com outros companheiros de trabalho que já estavam ali estabelecidos. No caso de Maria, o aluguel de uma casa no bairro se deu após o marido, que trabalhava como pedreiro, vir ao bairro para auxiliar na construção da casa de um conterrâneo.

As redes sociais construídas direcionam os trabalhadores para o município, já que foi comum todos os entrevistados apontarem que conheciam Santa Lúcia por intermédio de parentes ou conhecidos que haviam realizado deslocamentos para o município. As redes são também facilitadoras do estabelecimento neste bairro em específico. O caso de Manoel é emblemático ao descrever sobre sua chegada e o estranhamento e desconfiança dos proprietários de imóveis que os alugam na cidade, solicitando que o trabalhador pagasse metade do valor do aluguel adiantado. Para cumprir com o pagamento devido da metade restante do aluguel que acordara com o proprietário do imóvel, Manoel iria realizar a venda de uma moto, por intermédio de sua esposa, que à época ficara no Maranhão. As redes, contudo, ajudaram-no a conseguir rapidamente um trabalho, o que tornou desnecessária a venda daquele bem. O dinheiro para o pagamento do aluguel só foi despendido naquele momento porque a ajuda de

---

<sup>16</sup> Ainda que o mais comum seja o casamento com pessoas da mesma localidade de partida, observam-se casos em que ocorrem casamentos com mulheres que tem origem em Santa Lúcia. Este fato por vezes reorienta os projetos migratórios dos trabalhadores, inclusive no que toca à possibilidade de um retorno.

conhecidos que já estavam estabelecidos na cidade e trabalhando nas usinas era tida como certa.

Em situações de insegurança laboral, característica marcante deste contexto atual de trabalho nos canaviais, tais redes continuam ainda a cumprir um importante papel na busca por novos empregos. No caso Maria, nossa conversa se deu em um momento em que o desmanche de sua turma no corte manual já havia sido anunciado, mas ela ainda não lograra uma nova colocação na usina, mesmo após ter investido em diversas estratégias educacionais,

[Maria] Tem uma comadre minha que trabalha nas piscinas, fazendo piscina, né? Acabamento, ela trabalha lá.

[Rose] É aquela fábrica na saída de Américo?

[Maria] É, é ali. Aí ela trabalha lá. Aí ela já vai conversar lá amanhã, mas eu falei não, não é nada certo, de certeza, né? Porque se eles, lá eu não sei as vagas que eles vão ter e pra quê lá na usina. Na indústria eu não sei, vou esperar a decisão deles pra saber. Aí qualquer coisa, eu já falei pra ela, qualquer coisa eu lhe aviso, aí ela falou, então segunda-feira eu já vou falar com ela, com a encarregada lá, e ela disse que qualquer coisa já deixa uma vaga pra mim.

Edson, também em um momento de insegurança em relação a sua permanência na usina, aponta os irmãos estabelecidos em outra cidade como mediadores para uma possível reinserção laboral,

[Edson] Olha, eu tenho uns irmãos lá pros lado de Cordeirópolis, eles trabalha numa fábrica lá de cerâmica. Aí como meu estudo é pouco e eles já trabalha lá dentro, tem um lá que já trabalha tem uns dois anos. Eles falaram se acabar aí, cê pode vir pra cá que nós te encaixa aqui. Tenho três irmãos que trabalha lá.

Como já fora apontado por muitos estudiosos dos processos migratórios<sup>17</sup>, os deslocamentos não são realizados de maneira isolada, individualmente. Antes, inserem-se em redes sociais que facilitam e direcionam a movimentação, auxiliam no estabelecimento e na apropriação dos espaços e são importantes à medida que se pode a elas recorrer para troca de favores e ajuda. As redes perfazem esse importante papel nos processos migratórios e ao mesmo tempo são atualizadas e/ou ampliadas conforme os deslocamentos. Tais redes são acionadas e funcionam na obtenção de informações sobre trabalho. Possivelmente constituem o caminho para uma nova inserção laboral, através de indicação pessoal nas empresas.

---

<sup>17</sup> Somente para citar uma importante coletânea de artigos sobre o assunto, fruto de pesquisas atuais sobre a temática das redes sociais, conferir Menezes; Godoi (2011).

Poderia se considerar, a princípio, que as práticas migratórias lançam os sujeitos à esfera dos “não-lugares”, aos espaços de trânsito dos quais nos fala Augé (1994), diametralmente opostos aos espaços personalizados e em relação aos quais construímos um sentido de lugar. No entanto, diversos são os estudos a informar que, apesar dos deslocamentos, há uma resignificação constante de práticas e modos de vida que são construídos em referência a seus lugares de origem e em conexão com os novos espaços sociais nos quais estão inseridos (DURHAM, 1979; MENEZES, 2002; NOGUEIRA, 2010). Mais que realidades ou lógicas opostas, portanto, há a tessitura de redes que permitem o fluxo e o diálogo constantes entre mundos, “entre- lugares”<sup>18</sup> laborais, culturais, espaciais e identitários. Ouvir que “existe mais maranhenses em Santa Lúcia que no próprio Maranhão” nos dá a dimensão da importância das redes tanto para o estabelecimento no local – incluindo acesso ao trabalho – quanto para sentimentos de pertencimento com a localidade na qual se vive. Redes que (re)fazem o “Nordeste” neste pequeno município paulista.

[Manoel] Estou bem aqui, mas a pessoa nunca diz que não volta mais, mas isso é mais **por causa dos parentes que ficam lá mesmo**. Desde 2011 não vejo meu pai. Mas por enquanto não vou voltar mais pra lá não. Eu mandava dinheiro pra lá enquanto eles (esposa e filhos) não estavam aqui, mas era mais pra sobrevivência mesmo, eu nunca pensei em investir em coisa lá. Minha mulher agora não quer voltar pra lá de jeito nenhum também. Às vezes falo assim brincando com ela, “bora voltar pro Maranhão?” Ela faz que não. Gosta muito daqui.

[Maria] Eu gosto muito daqui, porque trabalho, serviço tem. Já tem dois filho casado que eu sei se eu voltar pra lá eles não vão voltar comigo também, porque as mulher não vai querer ir, que uma é daqui, a outra é do Maranhão. Mas eu não tenho vontade não de ir embora pra lá... daqui pra trás, não.

A expressão “daqui pra trás” é pronunciada pela entrevistada juntamente com um gesto de mãos. Ao usar tal referência socioespacial, Maria aponta as mãos para frente, como se quisesse indicar o Norte. Complementa dizendo que “até Minas ainda é bom”, mas mesmo este estado vizinho parece ser visto como um retrocesso em relação ao estado de São Paulo. Nota-se assim que fatores sócio-afetivos, familiares e de saúde compõem parte significativa dos projetos migratórios, tanto no que diz respeito à iniciativa inicial de saída, quanto às considerações sobre a volta. A importância da

---

<sup>18</sup> Tomei de empréstimo a expressão de H. Bhabha (1998) principalmente pela força que esta ideia evoca, porém não a utilizo com rigor conceitual.

família organiza os “investimentos” e por vezes coloca em cena a possibilidade do “retorno”,

[Rose] Aí comprou os terrenos lá pra caso vocês retornassem pra lá..

[Maria] É. Porque o pai dele (do esposo) tava doente. Tava com hanseníase, né? Meu sogro. Aí ele falou, Lôra, esse negócio de nós tá pro *meio do mundo* não dá certo, não. Teu pai já tá doente, mãe tá com diabete, a mãe dele, né? É melhor nós voltar pra lá. Final do ano passado quando nós foi. Aí eu falei, é, você quer, nós volta. Ele falou, não, vamos comprar esses terreno aqui, nós constrói, aqui vai dar pra construir tudo e não sei o quê, fez os planos dele lá, eu falei tá bom. Aí agora apareceu aquele terreno ali, Bela Vista, não é? Perto do Selmi Dei<sup>19</sup>, ali. Acho que é isso. Foi lá que ele conseguiu comprar. Aí ele disse, vamos ajeitar e construir aqui. Graças a Deus, os velhos tá bem hoje.

Há casos de trabalhadores que também cogitam um retorno aos locais de partida por conta de sua inserção na política local. Por ter vinculação partidária em sua cidade, Francinaldo foi chamado na última eleição municipal para trabalhar como cabo eleitoral para o candidato a prefeito de seu partido, mas em função da incerteza da vitória, decidiu permanecer em São Paulo<sup>20</sup>. Nota-se assim, conforme apontam muitos estudiosos dos processos imigratórios, a existência de um processo social no qual os migrantes estabelecem campos sociais que atravessam fronteiras geográficas, culturais e políticas (ALMEIDA; BAENINGER, 2013) já que as tomadas de decisão e os sentimentos de preocupação são gerados dentro um campo de relações sociais que unem os locais de partida e de chegada.

Parece-nos, portanto, que resta pouco esclarecedor trabalhar com definições dos processos migratórios que levem em conta apenas perspectivas estritamente demográficas ou temporais na definição das migrações. O próprio conceito de migração nos parece fechado em demasia para caracterizar realidades que se aproximam muito mais de processos de circulação, de deslocamentos e de movimentação entre espaços sociais diferenciados. As dificuldades em definir o lugar de residência de um indivíduo,

---

<sup>19</sup> O Jardim Roberto Selmi Dei é um bairro periférico da cidade de Araraquara, onde o valor do solo urbano é mais baixo. O bairro cresceu bastante nos últimos anos em função de projetos habitacionais público-privados, como o “Minha Casa, Minha Vida”.

<sup>20</sup> Nas cidades de origem da maioria dos trabalhadores, o emprego público constitui uma das poucas possibilidades que têm de melhorarem sua condição de vida. A inserção na política, assim, é uma estratégia utilizada para acessar os empregos e cargos junto a prefeitura das cidades. A participação nos sindicatos locais também aparece como estratégia para a estabilidade no emprego e a construção de influência nas cidades.

pois este depende de sua percepção subjetiva, do sentimento de pertencimento e de apropriação espacial, nem sempre coincide com o lugar de residência (BAENINGER, 2013). Deste modo, dada a dificuldade de se estabelecer a fronteira clara entre o que é uma mobilidade temporária do que é uma migração de longa permanência é recomendável compreendê-las simultaneamente, definindo a porção do espaço onde os indivíduos realizam suas atividades. O espaço de vida, assim, engloba não apenas lugares de passagem e de permanência, mas igualmente todos os outros lugares com os quais o indivíduo se relaciona, mesmo de forma não presencial. (COURGEAU, 1988 apud BAENINGER, 2013). Seguindo os caminhos abertos por esta maneira de conceber os deslocamentos, temos que os espaços de vida desses trabalhadores extrapolam os limites do município paulista onde hoje residem, ou seja, estão para além dos espaços nos quais fixaram residência nos últimos anos, uma vez que abrangem os espaços de partida especialmente no que diz respeito a suas relações de parentesco nestas localidades. No entanto, a presença de parentes e conhecidos são também elos que fortalecem os sentimentos de pertencimento nos locais de chegada.

Não se pode desconsiderar ainda que a construção de casas de moradia nesse município representa um projeto, ainda que aberto e inconcluso, de permanecer em *São Paulo*. Como dito anteriormente, o retorno não figura como vontade ou necessidade para a maioria dos entrevistados, ao contrário, é percebido apenas como último recurso, caso não logrem se inserir no mercado de trabalho regional. As percepções sobre um possível retorno também associam o lugar de partida a um momento de descanso, e é projetado em relação ao momento de aposentadoria destes trabalhadores. Os sentimentos de pertencimento passam pela questão, mas também pela questão central que orienta estes deslocamentos, ou seja, a possibilidade de encontrar trabalho e prover a sustentação dos novos núcleos familiares, ou seja, o sentimento de apropriação espacial também é gerado de acordo com a percepção de uma melhoria de vida associada aos deslocamentos. *São Paulo* é tido assim como um lugar que, a despeito do trabalho árduo, oferece suas contrapartidas.

É comum, neste contexto, que as relações sejam mantidas com os locais de partida através principalmente de telefonemas, que são feitos por celulares semanalmente. A telefonia móvel é muito utilizada e percebida como elemento facilitador dos contatos, uma vez que antes os telefones públicos da cidade eram utilizados para os contatos, ficando restritos em dias e horários específicos. Em menor medida, as redes sociais, tais como o *facebook*, também são utilizadas e auxiliam na

construção de uma “proximidade à distância” (LOBO, 2006), uma vez que atualizam os trabalhadores sobre os acontecimentos ligados aos familiares, às suas localidades e ao contexto político local, com o qual alguns mantêm vínculos.

As remessas em dinheiro não deixam de ser enviadas, ainda que não sejam constantes e regulares. Seu caráter é fundamentalmente de *ajuda* em momentos de necessidade dos familiares, seja em situação de doenças, seja para arcar com o pagamento de pequenas dívidas e/ou prestações com os quais os familiares não conseguiram arcar. Ao menos no plano das condições materiais de existência, tais práticas migratórias não se relacionam à manutenção ou reprodução de uma estratégia de vida camponesa. As visitas aos familiares no período das férias anuais, normalmente nos meses de dezembro e janeiro, são feitas em menor medida, devido aos altos custos, especialmente quando o novo núcleo familiar é numeroso. A vinda dos parentes em outras épocas do ano é mais comum, uma vez que o trabalho nas localidades de partida é marcado por outra temporalidade. Os espaços de vida destes trabalhadores são marcados, portanto, pela inserção em grupos de parentesco, de amizade e de trabalho que incluem o bairro do município paulista no qual residem, mas a vida e os projetos destes camponeses migrantes caracterizam-se, sobretudo, pelo envolvimento simultâneo com os locais de partida e de chegada.

### **As terras dos outros e a construção de autonomia entre camponeses migrantes**

A busca de recursos econômicos através de práticas migratórias representam estratégias de longo alcance de diversos grupos, abrangem diferentes escalas e modalidades migratórias e é a causa explicativa mais comumente mobilizada para caracterizá-las. Os significados que adquirem as práticas migratórias, desde o ponto de vista dos valores e olhares dos agentes envolvidos não se esgotam, contudo, neste aspecto. Conforme apontei anteriormente, a busca destes recursos encerra outros significados, como a construção de autonomia em relação ao grupo doméstico de origem e a constituição de novos núcleos familiares. Nesse momento a intenção é demonstrar, partindo da categoria nativa *nas terras dos outros*, como estas práticas configuram-se também enquanto tentativas de afastamento de esquemas de dominação e de subordinação tradicionais presentes em suas localidades.

Em etnografia sobre a troca de dádivas realizada no Nordeste brasileiro, Marcos Lanna (1995) aponta para centralidade da figura do patrão nas trocas e para o caráter hierárquico de sua autoridade. Conforme o autor, em um contexto em que o controle da



terra é exercido por poucos e há uma força de trabalho numerosa, os trabalhadores sofrem uma dupla exploração, assentada na superposição de assimetrias capitalistas e não capitalistas, ou seja, o caráter desta exploração está fundado tanto na dominação de classe, quanto na desigualdade que é inerente à fundação da sociedade. Para o autor tanto a morada quanto a parceria no Nordeste brasileiro podem ser compreendidas a partir do que autor denomina como reciprocidade hierárquica, ou seja, um sistema de trocas e dádivas de caráter estrutural e que amarra moradores, produtores independentes e parceiros a mecanismos de dependência a um patrão.

Assim, ao tratar sobre a construção de autonomia pelos grupos em questão, considero-a concebida não em termos individuais, mas como autonomia da própria família nuclear. Compreendo-a também como possibilidade aberta pelas práticas migratórias, especialmente no que toca à tentativa de superar tais esquemas de dominação através da inserção no mercado de trabalho, que é percebido como espaço de maior liberdade<sup>21</sup>.

[Francinaldo] Ah, aqui é melhor. Assim, você lá nunca podia planejar nada contando com o dinheiro de lá porque não era trabalho fixo, com carteira assinada, essas coisas, não tinha certeza de nada. Lá você trabalha *na terra dos outros*, só trabalha naquilo que é dos outros, não naquilo que é seu.

[Edson] Aí então, vou pra lá e trabalhar *nas terra dos outros*? Vou ter que pagar renda, pagar tudo, então aqui não, o que eu ganho durante o mês eu ganho limpo.

Estes *outros* aos quais os trabalhadores fazem referência são, portanto, os proprietários locais que controlam o acesso à terra dentro de determinados padrões de utilização da força de trabalho que, a exemplo da parceria e suas derivações, são percebidas como extremamente desvantajosas e injustas. A ausência de direitos, somada à irregularidade do acesso a recursos monetários conformam a ideia corrente de que “lá se trabalha para os outros e em *São Paulo* se trabalha naquilo que é seu”.

Garcia Jr. (1988) e Scott (2009) quando da realização de estudos com camponeses migrantes no Nordeste brasileiro também apontam para relações de opressão e de dominação e para conjuntos de representações dos trabalhadores que se expressam em pares de oposição, normalmente referidos às relações de trabalho disponíveis em seus locais de origem e aquelas que conseguem obter através das práticas migratórias. Os termos ou categorias nativas utilizadas podem variar – “*sujeitos*

---

<sup>21</sup> Lanna (1995) chama atenção para o significado do acesso ao mercado pela ótica dos valores e da cultura, apontando como este espaço é compreendido como reservado para os patrões, carregando, portanto, um ideal de autonomia.

e *libertos*”, no caso de Garcia Jr (1988) ou a oposição entre o “*cativeiro e meio do mundo*”, em Scott (2009) –, mas em ambos os casos estão referidas as relações de trabalho de um passado escravista, onde se pratica o controle direto e externo do trabalho dos grupos domésticos. O trabalho nas *terras dos outros* guarda semelhança com a condição de “sujeição” ou de “cativeiro” e, deste modo, o trabalho em *São Paulo* não garante, mas representa em alguma medida o caminho da construção de certa autonomia destes grupos.

Parece ainda importante destacar que o “*meio do mundo*” – categoria nativa que indica a existência de membros da família que *saíram* e há anos estão fora sem dar notícias – só apareceu na fala do esposo de Maria, quando do adoecimento de seus pais. Conforme nos diz Scott (2002) a expressão é sempre usada com um ar de perda e de saudade por trabalhadores em todos os contextos locais, pois carrega, inclusive, o sentido de ser desarticuladora de estratégias familiares de sobrevivência. Na maioria dos casos a expressão não é utilizada e isso pode indicar que, à parte uma desagregação inicial de seus grupos domésticos – todos os trabalhadores residiam com os pais nos seus locais de origem e a família toda era mobilizada para o trabalho na terra – os rearranjos familiares em torno de novos núcleos construídos durante e através dos processos migratórios tornam este “outro mundo” menos áspero e desagregador.

### **Algumas conclusões**

O objetivo deste trabalho foi apresentar, ainda que de forma preliminar, como as práticas migratórias relacionam-se à construção de autonomia para grupos camponeses, seja no plano de uma autonomia de novos núcleos familiares, seja enquanto práticas que buscam reinserir estes trabalhadores em mercados cujo padrão da utilização da força de trabalho não se enquadre nos sistemas de dominação dos locais de origem. Nossa intenção não foi apresentar quadros gerais sobre a mobilidade camponesa, nem realizar afirmações que abarquem os inúmeros trajetos e contextos de mobilidade, mas especificamente apresentar os sentidos de tais práticas migratórias relacionando-as às condições atuais de trabalho nos canaviais, que não permitem mais os mesmos padrões de migração circular e/ou temporária.

Deste modo, o que se realiza a partir destas práticas migratórias não é mais a reprodução de uma estratégia de vida camponesa, reforçando os grupos domésticos de origem, mas sim a constituição e a sustentação de novos núcleos familiares, materializados na construção de casas de moradia no município paulista. Percebemos

que os valores de autonomia projetados por estes grupos não se constroem estritamente em relação com a terra, e, com tal afirmação, não pretendemos resgatar a antiga discussão que opunha proletarização e reprodução social do campesinato, mas pontuar que estas práticas adquirem significados singulares em contextos determinados.

Do mesmo modo, ao apontar para as reconfigurações laborais e seus impactos sobre a dinâmica das migrações, percebemos também estas como processos abertos que reconfiguram e ampliam os espaços de vida destes grupos, que passam a ser construídos dentro de um campo social que vincula as localidades de chegada e de partida, que reconstrói relações de parentesco, de amizade, vínculos políticos e relações de trabalho que tornam permeáveis as fronteiras entre os chamados espaços rurais e urbanos. Por fim, caberia ainda indicar que também um olhar mais detido sobre a construção destes novos núcleos familiares e das relações entre deslocamentos e o parentesco se faz necessária uma vez que, conforme sugere Scott (2010), os deslocamentos levam a inserções em novas realidades de interpretações e de relações que precisam ser equacionadas para se entender as transformações e os mecanismos que dão continuidade ao sentimento de pertencimento a grupos familiares e de parentesco em espaços diferenciados.

### **Referencial Bibliográfico**

ALMEIDA, G.M.R.; BAENINGER, R. Modalidades migratórias internacionais: da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais. In: BAENINGER, R. (ORG.) **Migração Internacional**. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013.

AUGÉ, M. **Não lugares** – introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BAENINGER, R. Deslocamentos populacionais, urbanização e regionalização. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Brasília, 15 (2), 1998.

\_\_\_\_\_. Notas acerca das migrações internacionais no século 21. **Anais do 37º Encontro Anual da ANPOCS**, 2013.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COURGEAU, D. **Methodes de mesure de la mobilité spatiale: migrations internes, mobilité temporaire, na vettes**. Paris: Editions de l'Institut national d'études démographiques, 1988.

DURHAM, E. R. **A caminho da cidade**. A vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. Entrevista. **Ideias** – Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, n.2, Nova Série, 1º semestre, 2011.

FONTES, P. Migração nordestina e experiências operárias. São Miguel Paulista nos anos 1950. In: BATALHA, C.H.M.; SILVA, F.T.; FORTES, A. **Culturas de classe**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2004.

GARCIA JR, A. **Libertos e sujeitos**: sobre a transição para trabalhadores livres no Nordeste. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo. v.7, p.5-41, 1988.

\_\_\_\_\_. **O Sul: caminho do roçado**. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero; CNPQ; UNB, 1989.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LANNA, M. P.D. **A dívida divina**. Troca e patronagem no Nordeste Brasileiro. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1995.

LOBO, A. S. **Tão perto, tão longe**. Organização familiar e emigração feminina na Ilha da Boa Vista Cabo Verde. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UNB, 2006.

MACHADO, I. J. R. **Interação das fronteiras e o ponto de vista etnográfico**: dinâmicas migratórias recentes em Governador Valadares. **Horizontes Antropológicos**, vol.15, n.31, Porto Alegre Jan./Jun., 2009.

MELLO, B.M. **Migração, Memória e Território**: o trabalhador rural nordestino na Ibaté paulista. Dissertação. Programa de Pós- Graduação em Geografia. UNESP, Presidente Prudente, 2008.

MENEZES, M.A. Migrações: uma experiência histórica do campesinato do Nordeste. In: GODOI, E. P. de; MENEZES, M. A. de; MARIN, R. A. (org.). **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias. Volume 2: Estratégias de reprodução social. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

\_\_\_\_\_. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes**: um estudo de famílias de camponeses – migrantes. Rio de Janeiro; João Pessoa: Relume Dumará; Ed. UFPB, 2002.

\_\_\_\_\_; GODOI, E. P. (orgs.) **Mobilidades, Redes Sociais e Trabalho**. São Paulo: Annablume; Brasília, CNPQ, 2011.

NOGUEIRA, V. S. **Sair pelo mundo**. A conformação de uma territorialidade camponesa. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp. Campinas, 2010.

PAOLIELLO, R. M. **As tramas da herança**: da reprodução camponesa às atualizações dos sentidos da transmissão da terra. Tese (Doutorado) em Antropologia Social. FFLCH/USP, 1999.

SCOTT, R. P. **Famílias camponesas, migrações e contextos de poder no Nordeste: entre o “cativoiro” e o “meio do mundo”**. In: GODOI, E. P. de; MENEZES, M. A. de; MARIN, R. A. (org.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**. Volume 2: Estratégias de reprodução social. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

\_\_\_\_\_. Gerações e famílias: polissemia, mudanças históricas e mobilidades. **Sociedade e Estado**. Volume 25, n.2, Brasília, Maio/Agosto de 2010.

VETORASSI, A. **Espaços divididos e silenciados**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. UFSCar, 2006.

WOORTMANN, K. Família, migração e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**. P. 35-53, Jan/Jun, 1990.